

UMA REFLEXÃO ACERCA DO CASAMENTO NA OBRA *MADAME BOVARY*

Aline dos Santos Silva Birch¹

Letícia Santana Teixeira²

Nagylla de Azevedo Dorfschmidt³

Bruna D. Godk Mazacotte⁴

RESUMO

O presente artigo explora o casamento na obra *Madame Bovary* de Gustave Flaubert. Marco do Realismo na França, a narrativa tem como foco a vida do casal Emma e Charles Bovary e os casos extraconjugais de Emma. O objetivo deste artigo é analisar como o papel de gênero dita os lugares e os papéis que as mulheres podem ocupar na sociedade do século XIX. Através da crítica marxista e dos estudos de Simone de Beauvoir apresentaremos como a sociedade tem influência nas consequências trágicas sofridas pela personagem. Utilizaremos ainda Mary Wollstonecraft, escritora coetânea de Flaubert, para discorrer sobre a sociedade na época em que nossa obra de análise foi escrita. Além disso, com base nos escritos de Pierre Bourdieu, explicaremos como Emma Bovary não poderia ter outro destino ao tentar caminhar por esferas sociais que não a pertencem.

Palavras-chave: Gênero. Casamento. Mulher. Sociedade.

¹ Aluna do 7º período do curso de Letras Português e Inglês da FAE Centro Universitário. *E-mail*: aline.birch@mail.fae.edu

² Aluna do 7º período do curso de Letras Português e Inglês da FAE Centro Universitário. *E-mail*: leticia.santana@mail.fae.edu

³ Aluna do 7º período do curso de Letras Português e Inglês da FAE Centro Universitário. *E-mail*: nagylla.azevedo@mail.fae.edu

⁴ Orientadora da pesquisa. Mestra em Estudos Literários. *E-mail*: brunadancini@gmail.com

INTRODUÇÃO

O tecido que compõe a malha social é um tecido biológico, em constante renovação. Ainda que essas células sociais mudem e se refaçam, diversos de seus componentes parecem se replicar de maneira vagarosa. Assim se dá o papel social da mulher nos últimos séculos. A sociedade mudou em diversos pontos, suas células foram replicadas e modificadas, mas, ainda assim, diversos instituições sociais se mantêm. Uma delas é o casamento na vida da mulher.

Tal afirmação está ancorada na leitura que pretendemos conduzir da obra *Madame Bovary* (1856), de Gustave Flaubert, nesta pesquisa. A interpretação que propomos aqui traça um paralelo entre aspectos sociais do contexto de produção e a própria realidade da obra. Para justificar tal leitura e embasar nossa perspectiva, utilizamos teóricos do materialismo histórico, corrente filosófica que prega a interpretação de qualquer objeto da superestrutura (como a arte e a literatura) a partir da estrutura, isto é, da materialidade dos meios de produção da vida. Para tal fim, utilizamos os postulados de Eagleton (1976), Lukács (1968) e Williams (1979). A partir de tal perspectiva marxista da literatura, abordamos o contexto histórico. Primeiramente, buscamos compreender qual era o contexto social por trás da vida prática na sociedade do séc. XIX, período em que a obra foi escrita. Para tanto, utilizamos o quarto volume da *História da Vida Privada* (2009). Nessas obras ficam evidenciadas as profundas mudanças sofridas pela Europa no período pós Revolução Francesa. Posteriormente, discorreremos acerca do papel social da mulher, de maneira mais geral, de acordo com os preceitos definidos por Beauvoir (2019). Ainda consideramos pertinente um relato produzido na mesma época por Wollstonecraft (2016) sobre a situação da mulher e suas reivindicações.

Após tal apanhado teórico, partimos para a leitura da obra *Madame Bovary*, com foco principal na trajetória da protagonista Emma Bovary, assim como nas mudanças de sua vida em decorrência do casamento. Sobre isso, fez-se mister incorporar algumas leituras sobre o que é o casamento, social e psicologicamente. Com esse fim, utilizamos as leituras de Chevalier e Gheerbrant (1969) e Bourdieu (1989).

A fim de explicar o motivo pelo qual Emma Bovary está fadada ao seu cruel destino e à dominação do homem, utilizamos os estudos de Bourdieu (2002) para conceituar a dominação masculina e a violência simbólica presente na obra.

Nosso objetivo com tal leitura é propor uma reflexão sobre o retrato do casamento na vida da mulher do séc. XIX. É importante ressaltar que essa é uma das dentre as possíveis leituras dessa obra. Ainda precisamos reiterar que se trata de uma representação artística da vida e, portanto, não espelho translúcido, tendo, assim,

alterações e perspectivas limitadas pela visão do próprio autor. Esperamos, através de tal linha de interpretação possibilitar ao leitor entender o papel da instituição casamento na vida da personagem, bem como estabelecer conexões com a realidade da época para que, enfim, possamos refletir sobre o peso carregado pela mulher como gênero constituído socialmente.

1 MÉTODOS E LEITURAS

Quando nos damos à tarefa de analisar uma obra literária, há de se ter como pressuposto que não existe uma só leitura do texto. Existem múltiplas leituras e abordagens possíveis. Poderíamos aqui focar na forma explorada pelo realismo, na simbologia social estabelecida nas relações de poder entre Charles e Emma Bovary, ou ainda na mediocridade exacerbada dessas personagens. Sabemos, no entanto, que há de se considerar a literatura como parte de uma estrutura complexa pautada pela realidade. Em Flaubert, a presença de um entorno social vivido é essencial para compreendermos as motivações e atitudes de seus personagens tão pungentes que afiguram a imaginação popular como se fossem reais.

Ao buscarmos desenvolver nossa análise dessa obra, então, nos deparamos com os estudos que pautam uma abordagem do realismo como movimento literário da segunda metade do séc. XIX. Destaca-se nesse panorama a obra de Auerbach (2013) que define um método para a análise literária. O estudioso alemão aponta a centralidade de uma abordagem dialética que considere que “cada obra de arte podemos dizer que é determinada essencialmente por três fatores: a época de sua origem, o lugar, a singularidade de seu criador” (AUERBACH, 2013, p. 17).

Esse método dialético tem origem de uma vasta herança marxista da abordagem da cultura. Em meados do século XIX, Marx e Engels em suas vastas elucubrações sobre a sociedade europeia, iriam questionar a tradicional filosofia alemã. Dentre suas diversas análises, uma transformaria a crítica literária dali em diante: os dois postularam que não há possibilidade de encarar qualquer produção artística sem que se considere a ideologia que a subjaz. Ainda, ideologia alguma é passível de existência, de acordo com Marx (2008), sem passar pela estrutura da produção e as contradições do embate de classes. Com esse pensamento, a dupla de filósofos alemães nos desperta para a pungente necessidade de encarmos uma obra literária para além de suas técnicas linguísticas ou apenas como estória desgarrada da realidade. A partir desses postulados iniciais, uma tradição marxista de análise literária tem início.

Todavia, como qualquer objeto do saber, sua interpretação não é plana. Diversas correntes dessa análise se deram no decorrer do século que a inaugurou. Vale destacar-se a contribuição de Bakhtin ao romper com um tecnicismo assoberbado pelo formalismo russo. Essa escola literária tem seu ponto de inflexão com a escola de Frankfurt, em especial com as contribuições de Adorno. É como fruto dessas transformações que nomes aqui citados como Eagleton e Williams surgem. Um ponto a parte nessa história é Lukács, que consegue, em meio à URSS, se manter original e distante de um viés propagandístico na literatura.

Para Eagleton (1976), com fundamento em Marx e Engels, o materialismo histórico é uma perspectiva teórica, metodológica e analítica que nos permite assimilar a dinâmica e as mudanças da história e da sociedade humana. O principal pressuposto teórico dessa abordagem é compreender que existe uma estrutura, composta pelos meios e relações de produção e definidas pela necessidade das mesmas para manutenção da vida. Essa necessidade fundamental também explica porque todas as outras relações existentes perpassam a estrutura. Essas relações secundárias e determinadas pelas outras são denominadas superestrutura. Se incluem nessa segunda definição a educação, a arte, o governo, a ideologia. As duas esferas são marcadas pelo embate de classes.

Para o marxismo, a arte faz, portanto, parte da “superestrutura” da sociedade. É (...) parte da ideologia de uma sociedade – um elemento da complexa estrutura de percepção social que assegura que a situação em que uma classe social tem poder sobre as outras seja vista pela maioria dos membros da sociedade como natural, ou que nem seja vista. Compreender a literatura significa, pois, compreender a totalidade do processo social de que ela faz parte. Como escreveu o crítico marxista russo Georgi Plekhanov: “A mentalidade social de uma época é condicionada pelas relações sociais dessa época”. Isto em parte alguma é tão evidente como na história da arte da literatura (EAGLETON, 1976, p.18).

Para Eagleton, as relações entre literatura e a história, as aproximações entre forma e conteúdo, o comprometimento do escritor em dar vida a uma obra e como ela é pensada conforme o momento histórico, permeando as relações sociais. Essas relações não são translúcidas ou simples. A contradição fundamental de nossa sociedade é o embate de classes constante e o modo como esse é neutralizado pela ideologia dominante.

Flaubert, ao retratar a realidade da sociedade burguesa de sua época, em seu livro *Madame Bovary*, evidencia através de uma escrita que busca desvencilhar-se do idealismo romântico, as contradições psicológicas e sociais da organização moderna do capitalismo.

Flaubert cria a personagem Emma Rouault – que mais tarde torna-se Emma Bovary – e ela representa uma parcela específica de mulheres do séc. XIX, sonhadoras, que se imaginam em uma vida nobre, carregam a herança de seus antepassados de que o casamento é a oportunidade de viver em meio à nobreza. Essa parcela não tem tais sonhos determinados tão somente por acasos românticos. Pelo contrário, a classe média burguesa de mulheres só tinha a possibilidade de futuro social e econômico através do casamento. Desprovida de uma educação igualitária e de possibilidades amplas de carreira, é através do matrimônio que sua riqueza e conforto poderiam ser obtidos. Emma casa-se com Charles Bovary esperando esse contrato social que, em troca da entrega de seu corpo e seu destino, a trouxesse segurança e conforto financeiro, no entanto, não imagina que seu casamento não lhe traria a vida luxuosa a qual desejava.

Segundo Eagleton, a tarefa de Marx e Engels era muito mais do que apenas formular uma teoria da literatura, seus padrões e sua estética finalizada, é mais do que querer saber como são feitos os romances e se falam das classes operárias ou outra coisa do gênero. O intuito é que seja elucidada, de uma forma mais completa, a obra literária, o que implica em um cuidado mais perspicaz às formas, estilos e sentidos, contudo, não se pode deixar de considerar a concepção dessas formas, estilos e sentidos como produtos de uma dada história.

Assim, para encararmos o realismo de Flaubert e, em termos definidos por Auerbach (2013), o realismo ocidental em si, precisamos considerar que realidade é essa e quais aspectos dela são determinantes para a construção de sentido. O método dialético do autor citado trará para imitar a realidade. O tipo de realismo de Flaubert é aquele que busca escancarar as contradições da sociedade francesa pós-Revolução. Uma sociedade profundamente decepcionada com os ideários antes tão fortemente bradados de igualdade, fraternidade e liberdade. A própria burguesia descobre gradativamente que a igualdade e a liberdade eram para alguns poucos privilegiados pela fraternidade do privilégio. A mulher não era uma das abarcadas nesta chamada liberdade. Para refletir tal aspecto, percebemos em nossa leitura que o ponto primordial da narrativa é a noção do casamento. A forma realista adotada por Flaubert é se não um recorte da realidade, afinal, essa não é abordável em sua completude como os poderosos narradores românticos podem ter se iludido.

Para aqueles que repliquem irritadamente que, de qualquer modo, forma e conteúdo são inseparáveis, que a distinção é artificial, convém dizer sem demora que isto é, evidentemente, verdadeiro na prática. O próprio Hegel o reconheceu: “o conteúdo”, escreveu ele, “Não é senão a transformação da forma em conteúdo e a forma não é senão a transformação do conteúdo em forma” (EAGLETON, 1976, p. 37).

Desse modo, a forma realista caracterizada por diálogos menos idealistas, por uma linguagem mais próxima da falada, objetivismo ao relatar acontecimentos, em oposição ao subjetivismo romântico, construção de personagens medíocres – no sentido médio em si – crítica aos valores burgueses, entre outras, se dá, pois há uma transformação na estrutura social que encarava o que é a realidade digna de ser imitada. Nesse período, percebem-se as contradições fundamentais dessa sociedade pautada em ideais fraseológicos e pouco aplicados, de fato, à massa.

Para Lukács (1968), a forma é um apanhado resumido da vida social. Sendo o conteúdo a representação da sociedade como é de fato, buscando ressaltar a realidade e quebrar o idealismo. Na literatura um não faz sentido sem o outro. A forma e conteúdo precisam ser vistos como complementação um do outro, somada juntamente com a aparência e a essência, totalizando uma única unidade. Sendo assim a literatura é um reflexo da vida, com críticas relativamente pertinentes a estilos banalizados, ditos perfeitos.

Flaubert consegue passar em sua escrita o reflexo da sociedade de sua época, mostra que as relações conjugais tão idealizadas pelos românticos anteriormente eram, nessa realidade material, pautadas por acordos e interesses econômicos e sempre fadadas à decepção daqueles que acreditavam em outra coisa. Charles e Emma não são, de maneira alguma, casos que fogem à regra ou se destacam por sua particularidade. Diametralmente opostos, são de fato medíocres refletindo o destino comum a uma sociedade burguesa embriagada por ilusões românticas que tentavam justificar através de seus sentimentos prerrogativas puramente contratuais.

Williams (1979), refletindo sobre a escola de análise literária de viés marxista, afirma que, a descrição de materialismo cultural é “uma teoria das especificidades da produção cultural e literária material, dentro do materialismo histórico” (WILLIAMS, 1979, p.12). A superestrutura representa a ideologia e a infraestrutura representa a base idealizadora. Dessa forma, o materialismo cultural estuda a produção e a reprodução dos significados e valores, entendendo que a sociedade se ressignifica na literatura, a vida imitando a arte.

[...] as possibilidades totais do conceito de cultura como um processo social constitutivo, que cria ‘modos de vida’ específicos e diferentes, que poderiam ter sido aprofundados de forma notável pela ênfase no processo social material, forma por longo tempo irrealizadas, e com frequência substituídas na prática por um universalismo abstrato unilinear. Ao mesmo tempo, a significação do conceito alternativo de cultura, definindo a ‘vida intelectual’ e ‘as artes’, foi comprometido pela evidente redução a uma condição de ‘superestrutura’, cabendo o seu desenvolvimento àqueles que, no processo mesmo de sua idealização, romperam as ligações necessárias com a sociedade e com a história, e nas áreas da psicologia, arte e crença, desenvolveram um forte senso alternativo do próprio processo constitutivo humano (WILLIAMS, 1979, p. 25).

Analisando *Madame Bovary*, por esse ponto de vista, notamos que Flaubert a representa como um espelho da sociedade de sua época, ou seja, Emma reproduz as contradições fundamentais desse período. Por um lado, a personagem traz uma ideologia proveniente de suas leituras românticas, que criam ilusões idealistas acerca das relações entre o homem e a mulher, bem como sobre a existência de sentimentos puros e independentes da colocação social das partes atuantes. Por outro lado, porém, apesar de discorrer acerca desse ideário romântico, a personagem reflete o destino da mulher burguesa da época, ou seja, a reprodução de um sistema patriarcal opressor que subjuga qualquer forma de sentimento aos interesses econômicos vigente.

Trazemos, então, uma leitura que busque encarar a obra em sua relação com essas contradições sociais nas quais se insere o autor. Lembramos ainda, como afirmado por Auerbach, que a obra não é uma cópia da sociedade, mas sim um produto dessa e que traz em seu âmago aspectos intrínsecos dessa organização. Propomos, então, uma abordagem que considere tanto a construção intrínseca, a forma e conteúdo da obra, como seus fatores geradores sociais.

2 A OBRA

Partindo dessa metodologia de como analisar a literatura, apresentaremos a obra resumidamente para, em seguida, abordarmos seu contexto histórico, bem como as relações de gêneros típicos desse período, entremeado por nossa leitura de como isso aparece no romance de Flaubert.

Madame Bovary, publicada em 1856, é a obra considerada o marco do Realismo na França. Em contraste com o movimento Romântico, segundo Moisés (2004), o movimento Realista vai contra a Teologia e a favor da Razão. Os escritores passam a colocar o homem e a objetividade no centro, em contradição com o movimento antecessor que possuía valores opostos: deus e subjetividade. Os realistas queriam fazer uma captura da sociedade em suas obras, assim como provar e analisar as coisas como são, ou seja, “encaravam a obra de arte como utensílio, arma de combate, a serviço da metamorfose do mundo e da sociedade: não mais a arte romântica desinteressada, e, sim, a arte comprometida, engajada” (MOISÉS, 2004, p. 379).

Enquanto o Romantismo idealizava a vida, os sentimentos e, até mesmo, a mulher, o Realismo tinha como objetivo apresentar a realidade de uma época. Dessa forma, esse, quando tendo a vida amorosa como foco, expõe os problemas encontrados na vida conjugal, já aquele, tem como foco a busca pelo amor e os sofrimentos que envolvem essa jornada, a narrativa nunca ultrapassa o casamento, é nesse momento que o romance romântico tem o seu fim e o romance realista toma forma.

Em sua obra, Flaubert conta a história de Emma Rouault, uma jovem que se adequa ao papel de gênero de sua época que, segundo Beauvoir (2019), por viver em sociedade que acredita no casamento como a única justificativa para a sua existência da mulher, tem como objetivo se casar com um homem prestigiado socialmente. Emma consegue cumprir com seu propósito e se torna Emma Bovary ao se casar com o médico, Charles Bovary. Entretanto, é somente depois do casamento que a protagonista percebe que a vida a dois, tão sonhada por ela, não passa de uma farsa e não corresponde aos romances românticos que ela, tão assiduamente, lia. Todos os seus pequenos poderes em relação ao homem são anulados quando ela cumpre com o objetivo de vida da mulher do séc. XIX: casar-se.

Após a união, Emma percebe que Charles é um médico medíocre que não pode oferecê-la tudo o que deseja. É essencial apontarmos que a grande decepção de Emma não se dá, no entanto, no campo das ideias românticas as quais ela tenta atribuir suas ilusões, e sim no campo econômico. A quebra da expectativa no casamento faz com que a personagem busque alternativas para sua vida tediosa, caseira e em função do marido. Ao tentar seduzir seus amantes, a protagonista volta a utilizar suas armas de sedução e se sente no poder novamente. Entretanto, depois de oferecer a eles tudo o que podia, Emma enfrenta outra quebra na sua trajetória, sendo essa responsável por sua ruína.

2.1 CONTEXTO HISTÓRICO, O CASAMENTO E O ADULTÉRIO EM *MADAME BOVARY*

Diante de toda a comoção ocasionada pela Revolução Francesa, com início em 1789, marco histórico que causou grande alvoroço para os europeus devido a alguns fatores que entraram em conflito – políticos, econômicos, sociais e intelectuais –, a sociedade precisou se ajustar à nova realidade. As mulheres eram consideradas como seres inferiores aos homens, não exerciam cargos importantes, não liam e nem escreviam, eram vistas como o lado frágil, o ser maternal que zelava pela educação dos filhos e cuidavam de seus lares e, por isso, necessitavam do casamento para poderem se realizar socialmente. Emma Bovary vai de encontro a esse sistema, mas com uma grande diferença: é educada para a sedução, no entanto, a partir do casamento, sua única função é tirada de si.

Homens e mulheres sempre viveram divididos: o homem tinha direito à vida social, frequentava clubes e trabalhava fora, enquanto a mulher era destinada a ser dona de casa, mãe e muitas vezes não eram aceitas em lugares públicos. Isso é o que nos mostra Perrot (2009), na obra *História da Vida Privada 4* (1991), a qual descreve as

particularidades dos lares no período que vai desde a Revolução Francesa até a Primeira Guerra Mundial. Além disso, segundo a autora, “cada sexo, diferente por natureza, possuía suas características próprias, e qualquer tentativa de sair de sua esfera estaria condenada ao fracasso” (PERROT, 2009, p. 54), ou seja, a personagem Emma Bovary estava fadada ao fracasso, pois os caminhos que tentou seguir eram para além do seu território demarcado na sociedade francesa do século XIX.

No séc. XIX, período em que a obra que é objeto de análise é escrita, para que uma mulher tivesse prestígio social, era necessário arrumar um marido com boa condição financeira. Muitas meninas eram educadas em casa e seus estudos nunca eram voltados aos negócios, mas sim às artes, o que as impossibilitavam de crescer financeiramente de forma independente. Perante a lei, os maridos eram responsáveis por suas esposas, não sendo elas aptas a terem uma parte nas propriedades da família, por exemplo.

As mulheres casadas nunca tinham tido o direito de firmar contratos, de abrir ou receber processos, de ter parte num negócio. Seu estatuto jurídico tornava os maridos responsáveis por ela perante a lei. Não possuíam existência jurídica independente (PERROT, 2009, p. 58).

Para entender melhor o casamento, Beauvoir aponta que esse é imposto à mulher. Todas são destinadas a encontrarem um marido, de preferência socialmente mais afortunado que elas. Nessa época, casar-se era a única forma encontrada pelas mulheres de obterem prestígio social. O matrimônio era a sobrevivência.

O casamento era visto como algo necessário para o sucesso de uma vida socialmente aceitável para mulheres, mas, não passava de uma forma de transação econômica. Visto que historicamente era tratado por meio de dotes e, muitas vezes, como uma troca política e social, de forma a criar alianças entre famílias e até países. Por se tratar de um rito de passagem comum na vida das mulheres da época, Emma acha que deve se casar e, claro, com um homem bem-sucedido.

A jovem Emma tinha a concepção romântica de casamento, semelhante ao modelo descrito por Chevalier e Gheerbrant (1969), o qual seria o símbolo da união amorosa entre o homem e a mulher, e também simboliza, no processo de individualização ou integração da personalidade, a reconciliação do inconsciente, ou seja, do feminino com o espírito masculino. Mas, o que Emma não havia percebido, é que seu casamento passava apenas como uma forma de chegar ao seu objetivo, à riqueza e um lugar importante na sociedade. Não passando de uma transação econômica, seu casamento aconteceu por não poder ascender socialmente sozinha, posto que a mulher não fosse bem vista sem um marido ao seu lado.

Como era tradição, a mulher dependia de seus pais para se casar. Eram estes os responsáveis por encontrarem o marido perfeito, e a filha, por sua vez, não poderia ir contra essa decisão. As mulheres eram dadas por homens a outros homens como uma mercadoria. Emma Bovary desejava se casar com alguém da burguesia, pois esta seria a única forma de conquistar seu objetivo.

Para tal, a mulher recebe uma educação diferenciada da que seria oferecida ao homem. Beauvoir aponta algumas diferenças entre a educação de homens e mulheres. Enquanto os meninos podem ser livres para brincar e praticar esportes, as meninas devem seguir um padrão engessado, mas socialmente aceito. As meninas são ensinadas a agradecer o outro e isso corrompe sua autonomia. A escritora afirma que a criança passa por um processo que a torna “mulher de verdade”, o que facilita sua vida em sociedade.

[...] ensinam-lhe a cozinhar, a costurar, a cuidar da casa ao mesmo tempo que da toalete, da arte de seduzir, do pudor; vestem-na com roupas incômodas e preciosas das quais precisa cuidar, penteiam-na de maneira complicada, impõem-lhe regras de comportamento. [...] Para ser graciosa, deverá reprimir seus movimentos espontâneos; pedem-lhe que não tome atitudes de menino, proibem-lhe exercícios violentos, brigas: em suma, a menina é incitada a tornar-se, como as mais velhas, uma serva e um ídolo (BEAUVOIR, 2019, p. 26).

A filósofa e questionadora dos direitos da mulher no século XVIII, Mary Wollstonecraft (2016), autora de *A Vindication of the Right of Woman (1792)* nos apresenta uma visão sobre a educação da mulher, aponta que a procura da feminilidade se dá desde o início de sua vida, focando na fragilidade e na delicadeza, fazendo com que não se desenvolva intelectualmente como os homens, isto é, a mulher acaba não conseguindo contribuir para a sociedade sem a ajuda do homem. A autora ainda questiona “como se pode esperar de uma mulher que ela colabore, se nem ao menos sabe por que deve ser virtuosa?” (WOLLSTONECRAFT, 2016, p. 20).

Devido a essa educação, a mulher tem sua infância roubada e nunca é, de fato, livre. A sociedade impõe que as meninas aprendam a servir e a atenderem a expectativa do outro desde muito jovens. Na pequena burguesia, isso se dá de maneira especial. A mulher burguesa do séc. XVIII, em específico, e até tardias décadas do séc. XIX se encontra num entremeio de classe. Por um lado, goza dos privilégios de sua colocação social, no entanto, como mulher, jamais pode ser identificada completamente ao homem burguês, pois, como já citado, não dispõem de seu poder de ação econômica. Com isso em vista, sua educação é voltada especificamente a conseguir casar com um homem burguês que lhe traga prosperidade financeira. Os estudos oferecidos às mulheres eram voltados às

artes e, especialmente, ao entretenimento. No entanto, após o casamento, essas ferramentas se tornam inúteis e o que se espera da mulher é que seja responsável pelo não remunerado ou reconhecido trabalho da reprodução e manutenção da vida. Emma parece não ter pensado o que viria a acontecer depois de casar-se, como seria a vida a dois com o marido e a relação com a filha. Todos os livros que lera não mostravam qual caminho seguir depois de atingir seu objetivo.

Se todas as faculdades da mente feminina hão de ser cultivadas apenas na medida em que respeitem sua dependência em relação ao homem; se uma mulher, quando consegue um marido, considera que atingiu a meta e, com orgulho mesquinho, descansa realizada com tão insignificante coroa, deixemos que se rebaixe satisfeita, elevada um pouco acima do reino animal por sua ocupação; mas, se na luta para obter a recompensa de sua alta vocação, ela olha além de sua vida presente, deixemos que cultive o entendimento, sem parar para considerar qual será o caráter do marido com quem está destinada a se casar (WOLLSTONECRAFT, 2016, p. 53).

Isso representa bem o que a personagem passa, já que não pondera a personalidade de Charles e não percebe o quanto ele é diferente de tudo que deseja, visto que é uma personagem vaga e não capaz de proporcionar a ela a mordomia que desejava. Emma se encanta com o fato de se tratar de um médico e ignora todo o resto, imaginando como seria sua vida se casada nobremente e esquece do futuro e o que viria com ele.

Beauvoir aponta que “não é geralmente por amor que se resolvem os casamentos” (BEAUVOIR, 2019, p. 196), o casamento muitas vezes é tratado somente como negócio. No caso de *Madame Bovary*, o que decepciona a personagem não é a falta do amor romântico, mas sim a condição financeira do marido. Tudo o que Emma havia estudado não valia mais após o casamento, pois a sedução deixa de ser o valor fundamental nas relações entre homem e mulher após a união, fazendo com que suas armas já não fossem mais necessárias.

Ao se casar com Charles, Emma imaginara uma vida completamente diferente daquela que levava. Embora ele fosse mais afortunado que ela, ainda não era a vida que ela havia sonhado. Isso faz com que a personagem se desencante pelo marido e pela própria vida. A protagonista de Flaubert possuía uma imaginação fértil e nos seus sonhos poderia conhecer Paris, entretanto, seu marido não possuía o que era necessário para realizá-lo, fazendo com que Emma encontrasse outra maneira de fantasiar uma visita à cidade:

Comprou um mapa de Paris, e, com a ponta dos dedos sobre a carta, fazia compras pela capital. Subia os bulevares, parando a cada esquina, no alinhamento das ruas, diante dos quadrados brancos que indicavam as casas (FLAUBERT, 2008, p. 64).

A partir da quebra da expectativa é possível perceber que Emma nunca esteve, de fato, interessada em Charles, mas sim na ideia de que ele seria a sua escada para o patamar mais alto da sociedade francesa, o que logo se provou um equívoco. A própria protagonista descreve o marido como sem ambição e “um pobre coitado!” (FLAUBERT, 2008, p. 68). A partir desse fragmento da narrativa, já é possível elucidarmos a pertinência de uma leitura que rompa com uma percepção puramente sentimental dessas personagens. Não é uma quebra de amor romântico que se dá aqui, e sim a quebra da expectativa econômica da pequena burguesia em se igualar ao grande burguês e ter seus mesmos privilégios tão cantados em suas descrições de festas e vivências incríveis. Distintamente, o casamento da personagem trará mais uma limitação ao já pequeno poder dessa mulher, assim como Bourdieu (1989), aponta como símbolos ganham significados que dominam e exercem certo poder sobre as pessoas.

Charles Bovary, embora médico, não fazia parte da alta burguesia. Era um profissional comum, com situação financeira estável, mas não o suficiente para os padrões de Emma. Segundo Beauvoir, a mulher “procurará um marido de situação superior à sua, esperando que ele ‘vença’ mais depressa, vá mais longe do que ela seria capaz” (BEAUVOIR, 2019, p. 190), ou seja, Emma e sua família apostaram as fichas em Charles, pois acreditavam que ele faria a esposa parte da alta sociedade, frequentando bailes luxuosos, o que veio a ser um equívoco.

Segundo Andrade (2013), “ser burguês era ser superior” (ANDRADE, 2013, p. 64) e o mundo capitalista facilitava essa condição. A burguesia consumia arte, quadros, livros, lotavam as salas de teatros e compravam inúmeros objetos de decoração. O ato de comprar e consumir produtos supérfluos como se fossem necessidades básicas era comum. Era necessário ser visto pelos outros burgueses, indo ao teatro e à ópera, mas também comprando artigos de arte e decoração como forma de medir riqueza. Todo esse gasto tinha um objetivo: se quisesse ser reconhecido entre outros burgueses era necessário comparecer aos eventos regularmente. Quem comprava mais e se fazia mais visível na sociedade, fazia com que seu status social fosse mais elevado.

Andrade afirma que havia uma divisão entre burgueses e aristocratas. “O burguês (*parvenu, ou nouveau riche*) era um gastador destemperado e procurava cada vez mais maneiras de se aproximar do estilo de vida dos aristocratas, o que custava dinheiro” (ANDRADE, 2013, p. 67), em outras palavras, a burguesia vivia em função do luxo, mesmo que esse custasse caro. Consumir a mesma arte que um aristocrata custava muito para o burguês, sendo assim, a forma de tentar se igualar era ostentando o que já possuía.

Essa quebra de expectativa era inevitável. Ainda que ele fosse mais rico, o consumo burguês é pautado por uma lógica sem um fim, nunca há um ponto de chegada. Ela seria decepcionada de qualquer forma por tentar pautar sua vivência em um ideário fraseológico não fundado em uma realidade.

Ao traçar um paralelo com a obra de Flaubert, nota-se que Charles era um burguês, mas não um aristocrata. No entanto, as expectativas sociais construídas pela protagonista se embasam numa sociedade de consumo que só irá considerar como felicidade e plenitude uma vivência pautada pelo desenfreado relacionamento com produtos. O médico não conseguia dar a Emma tudo o que ela esperava, a esposa queria uma vida luxuosa, conversas inteligentes, viagens e visitas ao teatro, entretanto, Charles era, completamente, o oposto.

A conversa de Charles era plana como uma calçada, e as ideias de todo mundo nela desfilavam com trajes ordinários, sem excitar com emoção, riso ou devaneio. Jamais tivera a curiosidade, dizia ele, quando morava em Rouen, de ir ao teatro para assistir aos artistas de Paris. Não sabia nadar, nem esgrimir, nem usar uma pistola; certo dia, aconteceu até que não pode explicar-lhe um termo de equitação que ela encontrara em um romance (FLAUBERT, 2008, p. 48).

Em determinado ponto do romance, Charles e Emma são surpreendidos ao serem convidados ao baile no castelo de La Vaubyessard, que pertence ao riquíssimo marquês d'Andervilliers. O marquês fora até a casa de Emma, com a desculpa de pedir mudas de cerejeiras, para avaliar se a jovem seria digna o suficiente para estar presente no baile. Flaubert cita que ele observa o corpo de Emma e mais uma vez a personagem é lida como a mulher que está apenas para ser a estética de seu casamento.

[...] notou Emma, achou que ela tinha um corpo bem-feito e que não cumprimentava como uma camponesa; de modo que, no castelo, ninguém acreditava estar ultrapassando os limites da condescendência nem cometendo uma imperícia ao convidar o jovem casal (FLAUBERT, 2008 p. 53).

A ida ao baile mudou completamente a visão que Emma tinha sobre sua vida, confirmando o que já desconfiava: ter cometido um erro ao casar-se com Charles. Naquela noite, a protagonista experienciara a vida que sempre havia desejado, cercada por luxo e pessoas inteligentes, exatamente com havia idealizado. Durante a festa, Emma reprime as atitudes de Charles por medo de ser mal vista: “você seria motivo de zombarias, fique quieto em seu lugar. Aliás, é mais conveniente para um médico” (FLAUBERT, 2008, p.57). A mulher queria aproveitar aquele momento, sem as intromissões do marido. Quando volta para casa, Emma vê sua vida diferente, como se houvesse um buraco em sua existência. Ao guardar o traje utilizado no baile, Flaubert

afirma “seu coração estava como eles: ao ser esfregado pela riqueza, ficara marcado por algo que não se apagaria” (FLAUBERT, 2008, p.63). Estar naquele castelo mudou a vida de Emma e, a partir daquele momento, foi quando passou a perceber a vida medíocre que estava levando.

Ainda após a visita, deslumbrada com tamanha riqueza, Emma começa a se comportar diferente, faz assinatura de grandes jornais, estuda sobre decoração, lê sobre o que está na moda e, até, os dias dos espetáculos de ópera. Entretanto, ela sabia que não podia viver tudo o que estava nos jornais, mas, ainda assim, tentava se aproximar daquela realidade e, até mesmo, criar outras através do consumo. Sobre o consumismo desenfreado e supérfluo, Costa (2000) afirma “ao consumir, Emma ‘refunda’ radicalmente a sua personalidade, reinventa a realidade, cria novos personagens, cenários e figurinos, para si mesma” (COSTA, 2000, p. 17). O gasto exagerado de Emma é um escapismo. Não tão somente, ainda é a forma que Flaubert mimetiza a sociedade burguesa e sua realização somente através do consumo e de sua relação fetichizada com a mercadoria. Os produtos deixam de ser encarados apenas por seu valor de uso e passam a carregar uma ideologia que os reveste de sonhos vazios.

Além disso, Emma busca exercer poder em casa. Afinal, na casa do pai a mulher estará sendo sob o jugo do patriarcado. Uma ilusão se constrói na mulher que acha que o amor de seu marido irá lhe conceder poder. No entanto, como ilustra Beauvoir, o poder do homem será conceder um ilusório micropoder nesse microcosmo da casa, enquanto ele é o único que realmente age na sociedade. Emma percebe o quanto Charles possui poder sobre ela, mesmo com suas tentativas de tirania com as empregadas, que fazem com que ela sinta alguma forma de poder é ele quem ainda comanda a casa, mesmo que apenas de uma visão de fora. A ideia de como o homem e a mulher não se opõem, mas sim representam uma hierarquia quanto ao poder, socialmente falando, pelo que Bourdieu (2002) e Perrot (2001) desenvolvem, podemos identificar como, na obra, essa hierarquia acaba carregando esse poder e dominação, até sobre o corpo de Emma. Ela acha que com seus atos, esse poder pertence a si, mas principalmente pela sociedade em que vivia, tudo isso se adequa aos papéis de gênero esperados.

Emma se vê oprimida pela vida conjugal: o relacionamento é tedioso, seu marido é medíocre e ela não consegue se conectar com a filha. Embora Charles não seja um homem opressor, a situação superior na qual ele se encontra em relação à esposa, é. Bourdieu (2002) afirma existirem dicotomias em relação ao homem e a mulher, sendo essa, a que recebe os termos negativos com mais facilidade. Em relação ao masculino, o feminino é inferior desde sua anatomia até os papéis sociais que desenvolvem, que não são muitos. Devido a isso, a mulher é condicionada a procurar no homem características que são superiores às dela, sejam características físicas, como altura, ou intelectuais, no caso de Emma, seu marido é médico e burguês. Sobre os papéis adquiridos pelas mulheres, Bourdieu cita:

As regularidades da ordem física e da ordem social impõem e inculcam as medidas que excluem as mulheres das tarefas mais nobres (conduzir a charrua, por exemplo), assinalando-lhes lugares inferiores (a parte baixa da estrada ou do talude), ensinando-lhes a postura correta do corpo (por exemplo, curvadas, com os braços fechados sobre o peito, diante de homens respeitáveis), atribuindo-lhes tarefas penosas, baixas e mesquinhas (são elas que carregam o estrume, e, na colheita das azeitonas, são elas que as juntam no chão, com as crianças, enquanto os homens manejam a vara para fazê-la cair das árvores), enfim, em geral tirando partido, no sentido dos pressupostos fundamentais, das diferenças biológicas que parecem assim estar à base das diferenças sociais (BOURDIEU, 2002, p. 16).

Embora Emma Bovary não trabalhe, a posição em que se encontra é igualmente inferior: ela depende, inteiramente, de seu marido. Dessa forma, Emma não consegue deixar de ser dominada, seja pela sociedade, que pré-determina os lugares que ela pode ocupar, ou o seu dominante: o homem, o masculino. Além disso, Bourdieu também discorre a respeito da violência simbólica, sendo essa uma violência invisível que coloca os seres humanos em lugares predeterminados em uma hierarquia. O autor afirma que a violência simbólica “se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante” (BOURDIEU, 2002, p. 23) sendo possível compreender que Emma nasceu para ser dominada e é errôneo culpá-la por isso. Mesmo quando tenta fugir de seu casamento, o caminho encontrado por ela é a dominação masculina por parte de seus amantes. A violência simbólica e o papel de gênero fazem com que a personagem não consiga se movimentar por outras esferas da sociedade, destinada, assim, a dominação.

A mulher sempre fora, e ainda é oprimida. Contudo, segundo Beauvoir, no casamento, a mulher também consegue oprimir o parceiro. Por depender totalmente do dinheiro e do sucesso do esposo, a companheira exige que ele seja bom no que faz, porque os êxitos do marido são os êxitos da esposa. Emma, entretanto, não é opressora em relação a Charles, na verdade, ela não se importa com o marido e não tem nenhum sentimento positivo em relação a ele.

A esposa, se não consegue oprimir o marido, tenta oprimir os empregados e até mesmo, os filhos. Beauvoir define esse comportamento como “a dialética do senhor e do escravo [...]: oprimindo, torna-se o opressor oprimido” (BEAUVOIR, 2019, p. 275). A mulher, embora lute para se livrar do seu lugar inferior, não consegue. Dessa forma, o único meio para lutar contra a opressão que sofre é oprimindo aqueles que são ainda mais fracos que ela. Emma sabia o que era ser mulher, tanto que ao engravidar, torceu para que seu filho fosse homem, pois de acordo com ela “a mulher tem a seu desfavor as fraquezas da carne e as dependências da lei” (FLAUBERT, 2008, p. 92). Sua filha seria, assim como ela, fadada a um destino vazio e cruel.

A opressão de Emma em relação Berthe, sua filha, não é apenas com palavras. Por se tratar de sua filha com Charles, o homem que ela despreza, a criança herda do pai o desafeto da protagonista. Dessa forma, a mãe não consegue se conectar com a filha e momentos banais se tornam violentos.

A menininha voltou, aproximando-se ainda mais de seu colo e, apoiando-se com os braços, levantava em sua direção seus grandes olhos azuis, enquanto que um fio de saliva pura escorria de sua boca até a seda do avental.

— Deixe-me! — repetiu a mãe bastante irritada.

Sua expressão assustou a criança, que se pôs a gritar.

— Ei! Deixe-me em paz! — disse ela, empurrando-a com o cotovelo.

Berthe caiu ao pé da cômoda, contra a patera de cobre; ela cortou a face, saiu sangue (FLAUBERT, 2008, p. 116).

Ainda que o divórcio pareça ser uma opção, Beauvoir afirma que “para a mulher é apenas uma possibilidade abstrata, não tendo ela meios de ganhar a própria vida” (BEAUVOIR, 2019, p. 274). Uma mulher divorciada é vista como sem valor pela sociedade, uma fracassada, além de ter as chances de ascender socialmente anuladas. Emma não tem o divórcio como opção, ela precisa de Charles, pois ele é a forma como ela ganha a própria vida. A frustração da mulher faz com que ela procure alternativas para dar sentido e emoção a sua vida tediosa e monótona, no caso da obra *Madame Bovary*, o adultério.

Ao buscar uma relação extraconjugal, Emma está fazendo exatamente o que é esperado dela. Beauvoir afirma que isso se dá porque a mulher casada está confinada a uma rotina maçante, causando tédio e fazendo com a esposa procure formas de sair desse ciclo. Diante das opções encontradas (tornar-se megera, vítima, narcisista, etc.), Emma opta pelo adultério. No início, a personagem desfruta da ideia, pois essa representa algo que nunca havia vivido: a paixão que tanto idealizara quando mais jovem.

“Tenho um amante! Um amante!” deleitando-se com essa ideia, como se fosse uma nova puberdade que estivesse lhe acontecendo. Possuiria enfim aqueles alegrias de amor, aquela febre de alegria pela qual sempre se desesperara? Começava algo maravilhoso em que tudo seria paixão, êxtase, delírio; (FLAUBERT, 2008, p. 160).

Naquele momento, Emma se sente vitoriosa e até mesmo merecedora de seu amante. Ao refletir sua vida medíocre, ela se questiona “já não sofrera o suficiente? Pois agora triunfava, e o amor, tanto tempo contido, jorrava inteiro com efervescências de alegria. Saboreava-o sem remorsos, sem inquietação, sem tumulto” (FLAUBERT, 2008, p. 161). Nessa passagem fica clara a idealização da realização através do homem que Emma, mesmo sem saber, buscara e estava predestinada.

Depois de ser feliz com seus amantes, de se entregar ao amor, as mentiras e ao consumo, Emma percebe que, aos poucos, está sendo levada às ruínas. Ainda sim, ingênua, acredita que seu amante Rodolphe poderá salvá-la novamente. Após gastar todo o dinheiro da família é quando Emma tem seu primeiro choque: os amantes mostram as verdadeiras intenções para com a protagonista. Diferentemente dela, Rodolphe e Léon apenas queriam aproveitar a boa vida que Emma os proporcionava. Só havia amor se houvesse dinheiro e quando não tinha mais nada a oferecer, madame Bovary se viu sozinha.

Wollstonecraft possui um pensamento muito específico sobre traição, apontando que o que resta à mulher que se submete a tal ato, é a prostituição, mas sente que não é justa o que ela recebe.

Uma mulher que perdeu sua honra imagina que não pode afundar mais e que é impossível recuperar sua posição anterior; nada pode limpar essa mancha. Assim, perdido todo estímulo e sem nenhum outro meio de sustento, a prostituição se torna seu único refúgio, e o caráter se deprava rapidamente por circunstâncias sobre as quais a pobre infeliz tem pouco poder, a menos que conte com uma proporção incomum de juízo e altivez de espírito (WOLLSTONECRAFT, 2016, p. 97).

A tentativa de se prostituir é uma das atitudes de Emma, entretanto, nem assim os amantes estão dispostos a ajudá-la. A partir desse momento, não restam mais dúvidas de que seu destino será fatal, não somente por enfrentar as consequências de seus atos, mas por ter um fator ainda mais cruel: ser adúltera em uma obra de autoria masculina. Segundo Finatti (2019), Flaubert mata sua protagonista, pois seus desejos sexuais vão contra o que é esperado dela, porque Emma vai contra o que é esperado dela.

Nesse sentido, a heroína flaubertiana representa a personificação da mulher monstro que, com frequência, é assassinada por seus autores, demonstrando que não há lugar na sociedade para uma mulher que não aceita a posição feminina que, inquestionavelmente, deve corresponder às expectativas masculinas de submissão e às obrigações do casamento e da maternidade (FINATTI, 2019, p. 143).

Embora tente, Emma não consegue se libertar, visto que suas tentativas estão sempre voltadas para o masculino. A estrutura social determina que a mulher é inferior ao homem e isso se prova verdade na obra. A protagonista, mesmo ao tentar se esquivar do casamento, o faz se envolvendo com outro homem. Wollstonecraft afirma que a falta de educação formal e racional da mulher é nociva para a sociedade, já que apenas os homens podem expressar seus direitos e as mulheres acabam ficando de lado. Emma percebe de certa maneira o quanto isso a afeta ao notar que depende de homens para

se sustentar até quando já está prestes a ruir, sem nenhum recurso. Se as mulheres obtivessem a devida educação formal e racional que Wollstonecraft defende, talvez, seus direitos correspondessem aos dos homens e Emma não passaria por suas dívidas e terrível ruína.

A literatura realista de Flaubert é determinada pelas relações de classe de dominação presentes na sociedade. Embora também burguesa, a mulher sofre outro tipo de opressão de classe, por exemplo, Emma adquire um lugar social que não permite a ela a busca por uma carreira. Beauvoir afirma que o homem possui diversas vantagens sobre a mulher: “conhece um pouco de direito, está a par da política, pertence a um partido, a um sindicato, a associações;” (BEAUVOIR, 2019, p. 248). Ainda de acordo com a autora, embora as mulheres fossem inteligentes, não conseguiam articular seus pensamentos e opiniões criticamente, pois não foram ensinadas para tal. Isso apresentava um peso para as mulheres que não sabiam se expressar devido a submissão e a falta de técnica para articular seus discursos.

Beauvoir (2019) diz que a opressão sofrida pela mulher durante muitos anos, seja na vida privada ou na vida profissional, após começarem a trabalhar, é a razão pela qual não conseguiam se organizar como classe e se fazem ouvidas, pois, diferentemente dos homens, as mulheres não podiam e não sabiam como se organizar em sindicatos. “É uma tradição de resignação e de submissão, uma falta de solidariedade e de consciência coletiva que as deixam desarmadas diante das novas possibilidades que se abrem para elas” (BEAUVOIR, 2019, p. 168), ou seja, as mulheres encontravam diversas dificuldades para se organizarem e cobrarem por seus direitos. Durante muitos anos as mulheres não encontraram uma saída para a opressão sofrida e a busca por direitos se deu muito tardiamente. Ainda segundo Beauvoir, as primeiras associações femininas aconteceram em 1848, mas, ainda assim, somente um pequeno número de mulheres fazia parte dos sindicatos.

Visto que seu único artifício para com os homens é a sedução, é dessa forma que Emma tenta se libertar de seu casamento, seu marido e sua vida medíocre. É errôneo culpá-la pelo fracasso de suas tentativas, pois, segundo a teoria da dominação masculina de Bourdieu, sempre fora ensinada a servir o sexo oposto e é somente isso que sabe fazer, em outras palavras, não é possível que a personagem saiba outros meios de libertação.

CONCLUSÃO

Tendo em vista os aspectos abordados, conclui-se que o casamento no séc. XIX é o destino da mulher, logo, Emma Bovary só estava cumprindo com o que era esperado

dela e de todas as mulheres da pequena burguesia da época. Através dos postulados de Beauvoir é possível entender como as mulheres estão condicionadas a esse caminho desde a sua infância. Embora se casar seja uma vontade da protagonista, esse ato não está livre de problematização: oferecer a vida a dois como a única chance da mulher ascender socialmente é uma forma de violência simbólica. A mulher está inserida em uma estrutura social que a impossibilita ser independente economicamente, em grande parte devido ao fato de não ter direito a propriedade, sendo esse o poder supremo da sociedade burguesa. Além disso, Emma se casa com Charles não por amor, mas, sim, visando uma relação econômica. Todas as relações da protagonista são pautadas no poder econômico e não no amor embora Emma seja considerada uma personagem romântica.

O casamento é a forma com que Emma encontra para se juntar a burguesia, mas ao ser condicionado a casar-se com Charles, não imagina que todos os seus desejos serão arruinados. Depois de perceber a mediocridade do esposo, Emma não tem interesse em se relacionar com ele, mas, sim com a ideia de que ele será o caminho para seu grande objetivo: a nobreza. O que decepciona a personagem de Flaubert não é somente a vida tediosa do casamento, mas, principalmente, a realização de que o marido não é capaz dar-lhe tudo o que deseja. Sendo assim, seu casamento monótono e sua condição financeira medíocre, faz com que a protagonista procure outros caminhos para sair de seu ciclo tedioso.

A forma de escapismo encontrada por Emma é o adultério e o consumo. Embora isso seja o esperado da mulher casada do séc. XIX, a personagem não está livre e não encontra uma saída para seus problemas durante a sua trajetória. Ao tentar solucionar um problema, Emma acaba encontrando outro. Parte disso se dá por tentar sair do ciclo que a ela pertence e seu fracasso está fadado devido ao papel de gênero e a dominação masculina. A educação recebida pela protagonista não dá a ela outra solução, pois fora ensinada a ser mulher de forma com que os homens não resistissem a seus encantos, tornando-a inapta a sair do nível hierárquico reservado às mulheres: inferior ao homem.

Por se tratar de uma personagem que segue o esperado, Emma concretiza a mulher do séc. XIX. Embora tenha a sensação de estar agindo diferente do esperado, a protagonista segue fielmente o roteiro imposto a ela pela sociedade. Emma está condicionada àquela vida, uma vez que não conhece outras formas de libertação que não envolva o sexo masculino. É impossível adquirir independência financeira sem o marido e mesmo quando pensa estar em uma relação por amor, seus amantes a recusa quando Emma declara estar falida, provando novamente que essas relações eram, assim como seu casamento, econômicas.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Maria Celeste de Moura. **O século XIX: O mundo burguês/O casamento/A nova mulher: o contexto histórico dos romances Madame Bovary, Ana Karenina, O Primo Basílio e Dom Casmurro. Evidências**, Araxá, v. 8, n. 9, p. 63-80, set. 2013. Disponível em: <<https://www.uniaraxa.edu.br/ojs/index.php/evidencia/article/view/412>>. Acesso em: 06 abr. 2020
- AUERBACH, Erich. **Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental**, in col. Estudos. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019. v. 1: Fatos e Mitos.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019. v. 2: A Experiência Viva.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. Disponível em: <<https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=1577826>>. Acesso em: 8 abr. 2020.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alain. **Diccionario de los simbolos**. Barcelona: Herder, 1986.
- COSTA, Cristiane. Compro, logo existo: romantismo e consumismo em Madame Bovary. **Gênero**, Niterói, v. 1, n. 1, p. 13-20, out. 2000. Disponível em: <<http://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31075>>. Acesso em: 07 abr. 2020.
- EAGLETON, Terry. **Marxismo e crítica literária**. Porto: Edições Afrontamento, 1976.
- FINATTI, Rosemary Elza. Movidas pelo desejo: o desfecho trágico em Madame Bovary e o final feliz em O Temporal, de Kate Chopin. **Migulim: Revista Eletrônica do Netlli, Crato**, v. 8, n. 3, p. 137-146, abr. 2019. Disponível em: <<http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MigREN/article/view/2118>>. Acesso em: 11 abr. 2020.
- FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary**. Porto Alegre: L&PM, 2008.
- LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**. Duas Cidades/Editora 34: São Paulo, 1965.
- LUKÁCS, Georg. **Marxismo e teoria da literatura**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1968.
- MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.
- PERROT, Michelle (Org.). **História da vida privada 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.
- WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação dos direitos da mulher**. São Paulo: Boitempo; Iskra, 2016. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4545865/mod_resource/content/1/Reivindica%C3%A7%C3%A3o%20dos%20direitos%20da%20mulher%20-%20Mary%20Wollstonecraft.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2020.